



EM CENA

Revista de Pedagogias
e Poéticas Cenográficas


E-ISSN 2764.4669

A Formação de um Iluminador e Técnico Universitário na Nova Zelândia: Diálogos com Michael Craven

Entrevista concedida a Pedro R. Ilgenfritz da Silva

Para citar este artigo:

SILVA, Pedro R. Ilgenfritz da. A Formação de um Iluminador e Técnico Universitário na Nova Zelândia: Diálogos com Michael Craven. **A Luz em Cena**, Florianópolis, v. 4, n. 7, jun. 2024.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/27644669040720240802>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Formação de um Iluminador e Técnico Universitário na Nova Zelândia: Diálogos com Michael Craven

Pedro Ramos Ilgenfritz da Silva¹

Resumo

Em um diálogo descontraído Pedro R. Ilgenfritz da Silva procura expor um pouco sobre a formação e atuação da área de iluminação cênica na Nova Zelândia. Michael Craven, seu convidado, relata seu princípio na área, desde aluno com dezesseis anos em uma classe escolar onde além de ator, recebeu também a tarefa de ser cenógrafo, e tomou gosto pelas técnicas de palco e do fazer luz. Depois passou por uma formação cênica e seguiu carreira como designer de iluminação e multioperador. Trabalha atualmente como professor e diretor técnico em iluminação na UNITEC em Auckland, Nova Zelândia.

Palavras-chave: Formação. Iluminação cênica. Nova Zelândia.

The formation of a University Illuminator and Technician in New Zealand: Dialogues with Michael Craven

Abstract

In a relaxed dialogue, Pedro R. Ilgenfritz da Silva seeks to explain a little about the formation and performance of the stage lighting area in New Zealand. Michael Craven, your guest, talks about his beginnings in the field, since he was a sixteen-year-old student in a school class where, in addition to being an actor, he also received the task of being a set designer, and became fond of stage techniques and making lights. He then underwent scenic training and pursued a career as a lighting designer and multi-operator. He currently works as a professor and technical director in lighting at UNITEC in Auckland, New Zealand.

Keywords: Training. Scenic lighting. New Zealand.

La formación de un iluminador y técnico universitario en Nueva Zelanda: diálogos con Michael Craven

Resumen

En un diálogo distendido, Pedro R. Ilgenfritz da Silva busca explicar un poco sobre la formación y desempeño del área de iluminación escénica en Nueva Zelanda. Michael Craven, su invitado, habla de sus inicios en el medio, ya que era un estudiante de dieciséis años en una promoción de un colegio donde, además de actor, también recibió el encargo de ser escenógrafo, y llegó a ser Aficionado a las técnicas escénicas y a la realización de luces. Luego realizó una formación escénica y siguió una carrera como diseñador de iluminación y multioperador. Actualmente se desempeña como profesor y director técnico en iluminación en UNITEC en Auckland, Nueva Zelanda.

Palabras clave: Formación. Iluminación escénica. Nueva Zelanda.

¹ Ato, diretor de teatro e professores. Diretor artístico da Hagley Theatre School em Christchurch e trabalhou como professor sênior em treinamento de atores e teoria teatral na Escola de Artes Cênicas e Cinema da Unitec em Auckland na Nova Zelândia por 18 anos. Formou-se em artes cênicas na Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC em 1996, ator do Grupo de Teatro de Pesquisa Atormenta de 1992/99. Em 2000, mudou-se para a Nova Zelândia, e fez o Master of Theatre Arts em Direção na Toi Whakaari: New Zealand Drama School e Victoria University of Wellington. Doutorado na Universidade de Auckland em 2023 com tema sobre a influência da pedagogia teatral de Jacques Lecoq na Nova Zelândia e no Brasil.



✉ pedroilgenfritz@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/0000.....> /  <https://orcid.org/0000-0002-6708-358X>



Figura 01 - Michael Craven, professor e diretor técnico na Escola de Artes Cênicas e Cinematográficas - UNITEC em Auckland, Nova Zelândia



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado

Michael Craven trabalha como professor e coordenador técnico de luz na Unitec em Auckland, Nova Zelândia desde 2019. Michael é formado pela UNITEC em 2007 e cursou a área técnica de luz. Ele trabalha como iluminador da renomada companhia de circo The Dust Palace de Auckland, além desta é responsável técnico por algumas companhias em tournée pelo exterior (Austrália e Canadá). Craven também tem experiência como técnico de luz na maioria dos espaços teatrais de Auckland, Nova Zelândia.

A partir de sua formação na Escola de Artes Cênicas e Cinematográficas da UNITEC em



2007, Michael tem desfrutado de uma carreira ocupada como designer de iluminação e multioperador. Além de destaques profissionais no The Dust Palace como designer residente em várias turnês, trabalhou um breve período na indústria do cinema como operador da unidade principal de 'The Warrior's Way', uma produção conjunta de Hollywood/Coreia. Depois de passar quase três anos como gerente técnico do Teatro TAPAC em Auckland, Michael Craven voltou em 2019 como professor e diretor técnico dos espaços cênicos da Escola Universitária UNITEC /Te Pūkenga, na Nova Zelândia.

Pedro Ilgenfritz - Olá Michel, é um prazer em tê-lo aqui hoje, 12 de agosto de 2023, e poder te entrevistar para o Evento e para a Revista A Luz em Cena que ocorre no Brasil. Seja bem-vindo Michael. Primeira pergunta, Como você começou a trabalhar com luz e como técnico de palco, qual é a tua história?

Michael Craven – Eu comecei como ator em grupos amadores e teatro na escola. No meu último ano da escola secundária, eu estava fazendo teatro e foi lá que comecei a ter interesse por luz e ser técnico. Tinha poucos estudantes e eles juntaram os alunos de 16 e 17 anos numa classe. Então eu recebi a tarefa de ser cenógrafo, técnico de palco e de fazer luz. Meu pai trabalhou como técnico de palco e iluminação, e eu sabia de algumas coisas. Eu o via trabalhar e já conhecia um pouco. Lá eu fiz a luz da peça David Edgar's *Pentecost*, e foi aí que eu fiquei interessado. Vi o potencial do que poderia fazer com luz e fui fisgado. Depois o professor me chamou e perguntou o que eu iria fazer ao terminar a escola e ele sugeriu estudar artes cênicas. Eu ainda queria ser ator naquele momento, e fui fazer teste para entrar na faculdade. No dia eu fiquei nervoso e não fui. Mas, no entanto, eu descobri que a Unitec também oferecia um curso de técnico e o professor era o Steve Marshall (iluminador conhecido em Auckland). Eu ainda estava estudando na escola, e estava também interessado em ser carpinteiro e construir cenários. Quando fui à Unitec, no dia em que abriram a escola para futuro estudantes, via uma escultura em polietileno com hieróglifos e achei lindo. Tinha também um curso de iluminação, e eu pensei 'vou fazer esse curso'. Agora já trabalho nesta área a 20 anos.



O que realmente seduziu você a entrar no curso?

Eu gosto muito de contar histórias e fazer parte de um processo colaborativo. Isso que me seduziu. Bem não foi exatamente o que me seduziu, mas o que me fez permanecer no curso.

Você mencionou que começou na Unitec 2007, conte mais sobre sua formação?

Eu comecei em 2005 e queria ser técnico de palco (stage manager), eu ainda queria ser ator ou diretor. Desta forma eu estudei para ser técnico de palco e também de cenografia. Não era exatamente cenografia, pois não era parte do curso, mas nós tínhamos um professor que era cenógrafo e veio nos ensinar. Era tipo uma observação do processo de criar cenografia.

Quais foram as maiores influências no teu aprendizado?

Eu não tive influências, não tinha experiência antes da escola secundária. Eu não sabia nada da linguagem técnica, jargões, nada. A universidade me deu uma boa fundação e onde aprendi tudo sobre tecnologia e como todas estas coisas interagem. Me deu também muitos contatos, conheci todo mundo que trabalhava na área como os técnicos. Assim, eu fui para o mercado de trabalho e achei meu nicho.

Existe um artista de iluminação que você admira?

Não, não existe uma pessoa. Mas eu trabalhei como operador de luz de muitos iluminadores em Auckland antes de me lançar profissionalmente como iluminador. Neste sentido sim, fui influenciado por todos que trabalhei e observei a iluminação deles. Mas não, não tenho um iluminador que me espelha. Eu gosto de achar meu próprio estilo e gosto que influenciam as minhas escolhas.



Figura 02 - Espetáculo: Ithaca Teatro: Fly Palmy Arena Cidade: Palmerston North, Nova Zelândia
Ano: 2023 Iluminação: Michael Craven



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado



Qual é a sua função profissional no momento?

Sou o administrador e produtor técnico da escola (Unitec). Sou eu que faço com que as produções de teatro e dança aconteçam. Sou eu que organizo a equipe de técnicos e designers, que cuida do orçamento, contratos, do espaço, que tudo esteja funcionando, e tudo o que for necessário no quesito técnico esteja a disposição. Nossa escola está mudando de local. Estamos indo para um prédio/espaço novo. Tem muito planejamento e coordenação para mudar o departamento de teatro, cinema e dança para um novo espaço, há muito trabalho pela frente.

Como você aprendeu sobre iluminação? Você já explicou, mas poderia falar novamente como aprendeu a fazer luz para espetáculos?

Nepotismo me ajudou muito. Deixa explicar, meus pais eram do ramo em Wellington, que é a capital da Nova Zelândia. Eles faziam parte de uma companhia nos anos setenta que usava o espaço onde hoje é o Bats Theatre. O pessoal da companhia ainda estava na ativa até recentemente. Nas férias escolares eu ia para o teatro com minha família ver como funcionava, e trabalhava como voluntário. Eu não tinha experiência, mas eles me pediam para fazer certas coisas como operar luz e som, e montar luz e eu fazia. Tudo muito amador, mas é onde tive o primeiro contato. Tipo um autoaprendizado. Foi ali que eu entrei no ramo e aprendi o básico. Tive a oportunidade de colocar, pendurar a luz no teto e ver como funcionava com atores.

Qual é o segredo da iluminação? Por onde se começa?

A primeira coisa é emoldurar o espaço. Eu não gosto de começar pelas luzes frontais. Eu odeio luz frontal, é a pior coisa que alguém pode fazer. Eu não gosto. Gosto de começar pelas luzes laterais e do fundo para emoldurar o objeto na cena, para isolar a performance e criar um espaço específico. Só então no final que eu adiciono luzes frontais. Assim eu posso ver como tudo se conecta. Mas eu quero primeiro que a imagem fique bonita e deixar que o ator possa fazer o que ele/ela quiser.



Figura 03 - Espetáculo: Ithaca Teatro: Fly Palmy Arena Cidade: Palmerston North, Nova Zelândia
Ano: 2023 Iluminação: Michael Craven



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado

Existe uma diferença entre iluminação para dança ou teatro na sua opinião?

Eu acredito que no teatro a luz pode ser mais abstrata, digo isso no tipo de linguagem visual. Eu não tenho muita experiência com dança, não é meu foco principal. Fiz mais iluminação para teatro, e sendo raro a ocasião que eu possa explorar mais livremente elementos como cor, ângulo e efeitos mais espetaculares, mas é no circo que eu posso explorar mais a linguagem visual e criar mais coisas divertidas.

Às vezes eu vejo em espetáculos que os iluminadores gostam de truques enquanto outros são mais minimalistas. Qual é o seu estilo?



Acho que o meu estilo é mais minimalista. Eu acredito que se alguém está percebendo a luz demais, provavelmente está indo além de ajudar os atores.

As vezes vejo luzes demais, muito equipamento e pouco acontecendo. Qual sua opinião sobre esse aspecto do trabalho do iluminador?

Depende, eu gosto de ter opções variadas. Eu uso muitas coisas diferentes quando vou trabalhar com um diretor. É verdade que muitas vezes eu não tenho uma ideia formada de como exatamente o que eu quero que aconteça a cada momento. Eu vou lá pra descobrir com o diretor como fazer acontecer, sendo necessário ser flexível para alcançar o resultado que o diretor quer. Eu não acho necessário usar todas as luzes a disposição. É desnecessário e também acaba dando mais trabalho pra todos. Eu gosto de ser eficiente com minha iluminação.

Quando comecei no teatro a iluminação era mais precária de como é hoje em dia. As luzes tinham um foco manual e a cor era um filtro (gelatina). Como é hoje onde cada unidade se move e tem opções de foco e cor eletrônicas?

Tem equipamentos inteligentes que se movem e trocam de cor. Existe uma evolução da tecnologia hoje em dia que é muito positiva. É mais fácil, mas também é uma ilusão. Esse tipo de equipamento tem mais possibilidades, mas também dá mais trabalho para fazer funcionar da forma ideal. E é mais caro e difícil de manter. É benéfico para o espetáculo e os efeitos que eles propiciam. O que eu estou trabalhando agora é com a conexão de vários tipos de controles ao mesmo tempo (som, luz, audiovisual). Estou trabalhando com uma companhia profissional chamada Red Leap nos últimos 2 (dois) anos, e estou aprendendo como conectar todos os operadores usando wireless tecnologia. O interessante é que estou descobrindo ser possível fazer uma pessoa operar algo, onde antes era preciso dois ou três. É mais seguro, menos erros e mais barato para a companhia. No momento que o som começa e abre os microfones e começa também o projetor áudio visual e inicia a luz no momento certo. Tudo numa sequência codificada ligado a um botão na mesa de operação, muito mais fácil de operar. Também tem mais risco de usar esse nível de interconectividade. Eu estava operando para um espetáculo chamado City of a Hundred Lovers (Cidade de Cem Amantes) no Sky City Theatre, e fazendo tudo interconectado.



Tinha uma banda completa tocando ao vivo. Eu fiz a operação da última noite do espetáculo, e foi estressante pois o diretor musical tinha controle total da minha mesa de luz, e as vezes ele que controlava os black outs. Então, eu estava em alerta pois o técnico de palco me disse para não interferir. Eu estava vendo o espetáculo e de repente as luzes mudavam sem eu saber, me dava um pânico pois não era eu que estava controlando. Como operador de luz eu não sabia se era um problema ou não. É terrível não ter controle sobre o que se está operando.

Figura 04 - Espetáculo: Ithaca Teatro: Fly Palmy Arena Cidade: Palmerston North, Nova Zelândia
Ano: 2023 Iluminação: Michael Craven



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado

Às vezes é interessante usar outras formas de luz e não somente a luz convencional. Você usa outras formas de luz na tua iluminação? Qual sua opinião sobre isso?

Sim, eu gosto de usar luzes que são práticas. Uma das minhas filosofias é 'a luz vista no



palco vem de algum lugar que tem a ver com o mundo ficcional da obra'. Assim, ver o processo e descobrir de onde a luz vem, qual é a fonte. Como iluminador eu penso, existe uma cena acontecendo num quarto, de onde é a fonte de luz? Da janela? Como vou criar uma luz que sugere o ângulo ou temperatura, ou talvez luz que aparecerá através de árvores, coisas com essa lógica de uma fonte real, ou que sugere isso teatralmente. Eu gosto de luzes práticas no palco que adiciona uma leveza ou simplesmente como um toque de beleza.

Como é o teu trabalho como professor de iluminação?

É interessante, e algo que deve ser aprendido na prática. Você pode ler livros sobre iluminação, mas o mais importante é trabalhar com um diretor e materializar a sua visão. É muito difícil aprender essas técnicas sem uma prática. Alguns anos atrás dei aula no curso de produção e cenografia que foi o sucessor espiritual do curso que fiz em 2007. Neste curso a experiência que os estudantes tiveram era diferente do que eu tive. O curso era mais refinado, e tinha um currículo mais adequado. Antes os estudantes não tinham aulas, eles eram 'escravos' das produções, trabalhavam a noite inteira para realizar o trabalho dos estudantes de teatro e dança. Os estudantes queriam ter mais tempo para trabalhar fora da faculdade e então o currículo era somente entre 09 (nove) da manhã e 17 (dezessete) da tarde. Estilo, aprendizado e contexto. Eles não tinham uma imersão no processo de aprendizado. No currículo novo, cada estudante tinha mais tempo para aprender ao invés de servir produções. Quando dava aula eu proporcionava aos estudantes para verem produções interessantes como modelo de aprendizado. Uma forma de entender como os iluminadores trabalham, e as ferramentas que usavam. A forma de dialogar com diretores, sobre como emoções são representadas através da luz, e como comunicar-se com todos os integrantes da equipe de criação.

Você poderia relatar um trabalho que tem orgulho de ter criado?

Sem dúvida. Com o Dust Palace, um trabalho chamado *The Goblin Market*, dirigido por Christina Rossetti baseado num poema feminista. Eu tive dificuldades de criar o final do espetáculo. Então, minha dificuldade era achar a forma que funcionasse para o trabalho. Eu não queria a tradicional luz frontal, dos lados, focos especiais, nada desse tipo. Demorei todo o



processo de ensaio e somente no final achei algo que funcionou. A ação do trabalho não era em linhas retas, e tinha umas estruturas de ferro que não possibilitava o uso de luz entre eles. Desta forma, toda luz tinha que ser diretamente reta ao longo da estrutura. Eu queria fazer uma luz geral, eu queria criar um corredor, tudo muito específico. Eu podia usar o que eu normalmente podia fazer como por exemplo ligar e desligar luzes para criar determinado efeito. No fim do trabalho era um dueto na lira e o tema era sacrifício com uma trilha sonora muito bonita que iniciava com um tom triste, e depois ia crescendo e eu fui junto nesse movimento com as luzes. No começo pouquíssima luz e mais luzes num crescendo para comunicar a escala da emoção até a apoteose. Nada que pensei funcionou. Eu odiei e estava horrível. Foi neste momento que abandonei tudo e comecei tudo de novo. Achei um refletor muito potente no teatro que eu nunca tinha usado. Coloquei atrás dos atores e criei essa luz única, singular e com um crescente de intensidade bem devagar durante os cinco minutos da cena. Funcionou perfeitamente e era coerente com a trilha sonora. Caiu como uma luva e só usei um refletor. E porque o que estava no vídeo no fundo era suficiente, a luz criou sombras muito bonitas e interessantes, parecia um raio de luz. No fim, ficou somente a emoção e a música. Um momento perfeito.

Poderias descrever momentos de dificuldade na tua carreira?

Certamente. Faz parte do tipo da indústria do entretenimento na Nova Zelândia, que é muito pequena. Um espetáculo é criado, apresentado, e nunca mais é repetido. É assim que funciona por aqui. É muito difícil permanecer em um contrato contínuo. Cada produção dá um trabalho por três ou quatro semanas no máximo, e depois precisamos procurar outro projeto. Não acredito que isso irá mudar logo, a população da Nova Zelândia é pequena e não tem trabalho para todos. Foi por isso que entrei para a Unitec e resolvi trabalhar com educação. Ter um emprego fixo e com segurança é uma vantagem. E a Unitec me deixa sair para fazer projetos fora quando quero, o que é ótimo.



Figura 05 - Espetáculo: Ithaca Teatro: Fly Palmy Arena Cidade: Palmerston North, Nova Zelândia
Ano: 2023 Iluminação: Michael Craven



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado



Esta é a última pergunta, poderia contar uma história inusitada ou inesperada que aconteceu na tua carreira profissional?

Honestamente, não tenho. Minha carreira é comum e sem atrativos. Conheci gente famosa como o comediante americano Letterman que é um bonequeiro, o homem do ursinho que fala (risos). Ele veio e se apresentou em um dos teatros de Auckland que eu estava trabalhando. Eu o salvei de um acidente onde poderia ter morrido, ele mexeu nas cortinas e uma peça de metal passou perto dele. Se não fosse eu empurrá-lo ele não estaria aqui para contar. Eu gosto de conhecer comediantes no circuito internacional de stand up comedy. Eles são legais e assistem os trabalhos uns dos outros. Lembrei de uma história boa: teve um terremoto durante uma das apresentações do Dust Palace em Wellington. Era o espetáculo *Love and Money* e teve um terremoto muito grande o dia anterior. então combinamos, 'se houver algo semelhante nos interrompemos a apresentação'. Tudo acertado, reembolsaríamos os ingressos, tudo certinho. Nada ocorreu durante o dia, tudo calmo, e esquecemos da coisa toda. No fim do segundo ato, tinha uma cena que era de equilíbrio em uma pilha de cadeiras. No clímax da cena, a música bombando, aquele excitação do perigo e dificuldade e quando a atriz/acrobata Eve Gordon estava no alto da pilha de cadeiras mais ou menos quatro ou cinco metros de altura e fazendo uma parada de mão de repente o prédio inteiro começou a sacudir. Pensei, 'terremoto?', logo a plateia começou entrar em pânico e não tinha nada que os técnicos poderiam fazer. Um dos ajudantes até foi no palco para ajudar, mas ela deu conta do recado. Ela conseguiu se equilibrar mesmo com tudo balançando. Foi demais, a plateia explodiu em aplausos.

Há um prédio novo na Unitec, e um espaço de teatro novo. Qual é o plano?

Eu gostaria de usar para pequenos workshops de iluminação. O espaço foi originalmente projetado para ser uma sala de exibição de filmes com uma tela enorme no fundo, mas é adaptado para teatro também. Pintamos tudo de preto, vai ter uma estrutura de assentos para o público e vai ser usado como sala de ensaio e espetáculos. Já coloquei as varas de iluminação e logo vai estar pronto para ser usado.

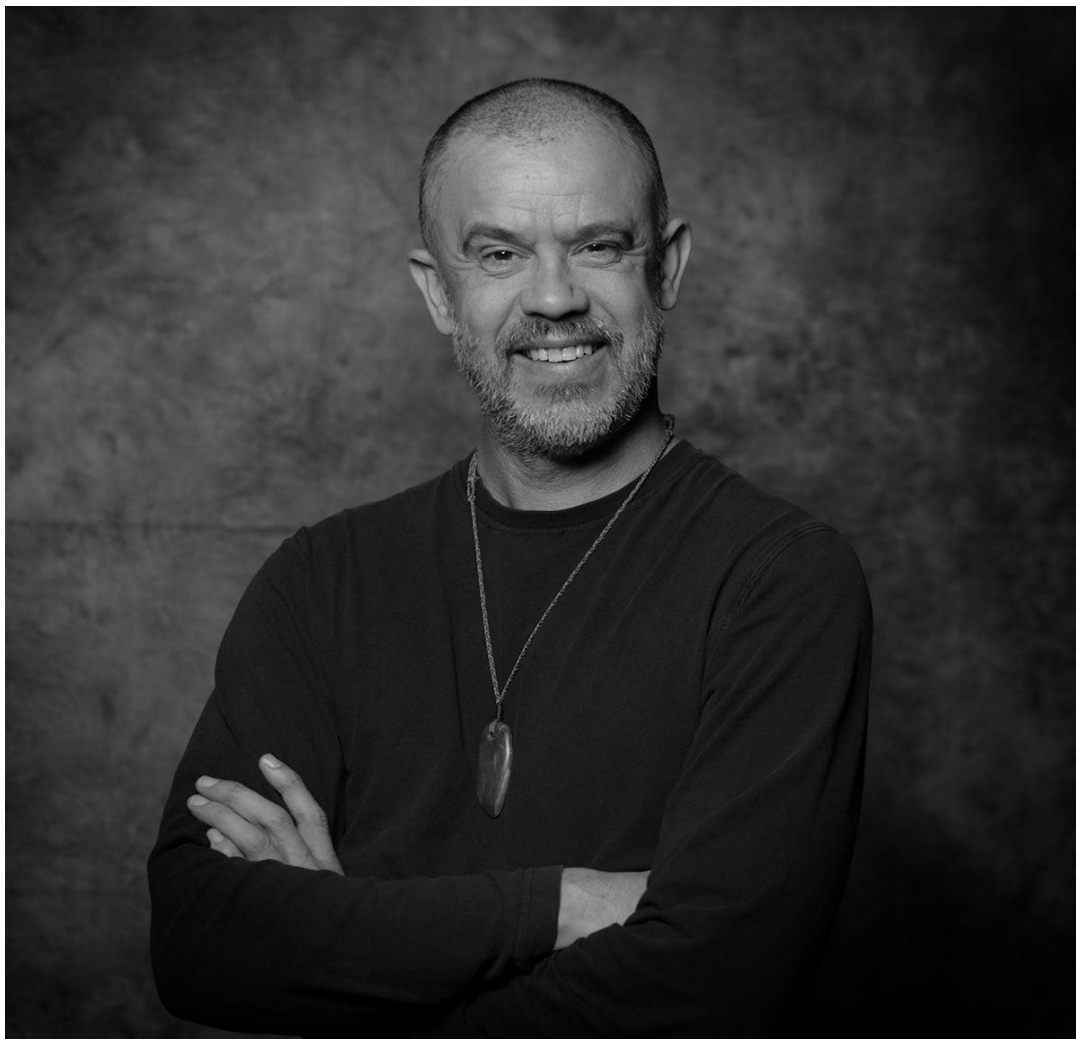
Michael foi um prazer conversar com você, tens algo a dizer para finalizar a entrevista para os colegas do Brasil que estão presenciando seu depoimento?



Gostaria de visitar o Brasil um dia e ver como os iluminadores e cenógrafos trabalham lá.
Obrigado Pedro pela oportunidade.

Aqui terminamos a entrevista, Michael. Muito obrigado pela sua generosidade compartilhando sua experiência e sabedoria.

Figura 06 - Prof. Dr. Pedro Ramos Ilgenfritz da Silva é ator e diretor de teatro brasileiro e um dos principais professores de Interpretação morando na Nova Zelândia



Fonte: Arquivo pessoal de Pedro Ilgenfritz

Recebido em: 05/06/2024

Aprovado em: 27/06/ 2024

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC
Centro de Artes Design e Moda – CEART
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas
aluzemcena.ceart@udesc.br